



GOMES, Francisca Cibele da Silva*

<https://orcid.org/0000-0003-2829-885X>

RESUMO: O presente artigo possui como objeto de estudo as narrativas sobre a infância que fazem parte da obra Olhos d'Água de Conceição Evaristo para analisar como as problemáticas construídas pela autora foram desenvolvidas dentro da produção literária. A metodologia se baseou inicialmente em um estudo bibliográfico, descritivo e explicativo sobre a relação entre a escrita ficcional e a construção das escrevivências, conceito cunhado pela escritora ao longo de suas obras. Para tanto, utilizou-se como conceitos as bases teóricas de Kilomba (2019), Evaristo (2005), Ribeiro (2021), entre outros intelectuais, para que fosse possível se debruçar sobre a construção narrativa dos contos: Zaita, esqueceu de guardar os brinquedos, Di lixão e Lumbiá. Deste modo, foi possível concluir que a intelectual fez de sua escrita não somente o papel de denúncia das mazelas sociais e raciais, mas, também, a fez de porta-voz de protagonismos que incluíam os olhares da infância no decorrer da construção histórica e ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo; Ficção; Infância.

ABSTRACT: This article focuses on narratives about childhood in Olhos d'Água by Conceição Evaristo, analyzing how the issues constructed by the author were developed within literary production. The methodology was initially based on a bibliographic, descriptive, and explanatory study of the relationship between fictional writing and the construction of escrevivências, a concept coined by the writer throughout her works. To this end, the study relied on theoretical foundations from Kilomba (2019), Evaristo (2005), Ribeiro (2021), among other intellectuals, to examine the narrative construction of the short stories Zaita, esqueceu de guardar os brinquedos, Di lixão, and Lumbiá. Thus, it was possible to conclude that the author used her writing not only as a means of denouncing social and racial hardships but also as a platform for voices that included childhood perspectives in the historical and fictional narrative construction.

KEYWORDS: Conceição Evaristo; Fiction; Infancy.

* Graduada em História pela UFPI - Universidade Estadual do Piauí. Pós-graduada em Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela UFPI - Universidade Federal do Piauí. E-mail: cs6445758@gmail.com.



A presente pesquisa possui como objeto de estudo as infâncias descritas por Conceição Evaristo em três contos que fazem parte de sua obra *Olhos D'água*. Desse modo, traz como análise as nuances históricas, sociais e culturais que permeiam os espaços descritos pela autora nas vivências das crianças protagonistas da obra, bem como, a relação entre experiências das personagens e contextos opressores e subalternizados pela condição racial e gênero.

O objetivo geral consistiu em analisar as perspectivas de infância presentes nos contos e os objetivos específicos foram especificar as interpretações da autora acerca da sua noção de escrevivência, descrever as experiências infantis das personagens e relacionar essas vivências com a crítica literária desenvolvida pela autora Conceição Evaristo.

A metodologia se baseou em uma análise descritiva e explicativa a partir da bibliografia apoiada em autores como: Ribeiro (2021), Kilomba (2019), Evaristo (2005), entre outros intelectuais, que estudaram a relação entre racismo e sociedade brasileira, seja presente no mundo real, seja na ficção. Essas narrativas descritas na produção literária produzem uma crítica acerca dos problemas transcritos e emergidos pela autora e trazem experiências afro-brasileiras vivenciadas nos âmbitos periféricos relacionadas a exclusão, a pobreza e a invisibilidade na infância.

Nesse contexto, a pesquisa se subdividiu em: (i) descrição do conceito de Escrevivências (escrever as suas vivências) entre a obra e a infância da autora; (ii) abordagem de uma das histórias que descreve a infância na narrativa *Zaita esqueceu de guardar os brinquedos*, em que narra as memórias de meninas gêmeas que tentam sobreviver e exercer as suas imaginações no ato de brincar em meio a diversos problemas vivenciados no dia a dia e (iii) análise do conto *Di Lixão* que traz a narrativa de um menino órfão e morador de rua, que entregou sua vida a uma doença e ao vício na tentativa de sair de uma vida de sofrimento e, por fim, (iv) observação do conto *Lumbiá*, que trouxe a história de um menino que vendia flores e sonhava em conhecer o presépio mais famoso da cidade em que morava, mas a sua pobreza e o abandono não permitiu vê-lo com liberdade.

Em suma, as narrativas que trazem o protagonismo infantil discernem não somente sobre a denúncia de contextos de violência, de pobreza e de exclusão, mas se enveredam pela perspectiva da infância, daqueles que, muitas vezes, não são



vistos nas cenas de sofrimentos ou são tratados como detentores de histórias, de memórias e de experiências a partir dos seus próprios pontos de vista. Nos contos, a autora trouxe crianças pobres, negras e excluídas narrando suas inferências, suas frustrações, seus medos e seus desejos para construir uma crítica sobre as experiências de dor, de alegria e de reconstrução dentro dos centros periféricos, marginalizados e excluídos, mas que, apesar de tudo, ainda carregam sua própria ressignificação.

VIVÊNCIAS EVARISTIANAS: INTERSECCÕES ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA HISTÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte e morou durante muitos anos em favela belorizontina. De origem humilde e trabalhadora, ainda muito jovem, ela ajudava nos afazeres domésticos e no cuidado com os irmãos. Mudou-se na década de 1970 para o Rio de Janeiro, onde iniciou a graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e trabalhava como professora da rede pública de ensino e em instituições privados de ensino superior. Interrompeu os seus estudos quando sua filha nasceu e após a morte do marido. Voltou após dez anos e concluiu a graduação para iniciar seu mestrado em Letras pela PUC-Rio e, posteriormente, concluir seu doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Envolveu-se em diversos movimentos sociais negros e estreou com publicações em 1990, quando publicou na série *Cadernos Negros* (Oliveira, 2009, p. 621).

Escreveu as obras *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Olhos D'Água* (2014), *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2016) e *Canção para ninas menino grande* (2018). A escritora ainda participou de diversas publicações coletivas em países como Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Suas obras foram traduzidas para diversos idiomas (Oliveira, 2009, p. 621).

A obra *Olhos D'água* abordou em suas narrativas literárias diversas temáticas que trazem à tona o conceito de Escrivência, isto é, escrever histórias tendo como ponto de referência as vivências da autora e a sua relação com a realidade. Nesse caso, trazendo a questão da interseccionalidade entre raça, classe e gênero para



compor suas análises. Essas histórias trazem novas abordagens críticas e literárias que possibilitam o desenvolvimento do protagonismo literário em relação aos atores sociais marginalizados e excluídos, trazendo os discursos como um sistema estrutural de determinado imaginário social se entrelaçando com o poder e o controle social e racial, enfatizando os lugares que esses grupos partilham e estão inseridos assim como suas experiências pessoais, suas dores, suas alegrias e suas inquietações (Ribeiro, 2021, p. 55).

O lugar de fala seria falar a partir do seu posicionamento sociopolítico, voltado para romper com as normas hegemônicas ou com a lógica predominante. É fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, a pobreza, o racismo e o sexismo, para romper com o silêncio instituído pela subalternidade, um movimento no sentido de se desvincular das hierarquias, das violências e das imposições (Ribeiro, 2021, p.89).

Para a autora, a escrita significa também abarcar a fuga e a inserção no espaço onde vivia, fugir para sonhar e se inserir para modificar. Consciência que permite refletir sobre o mundo e compreender a escrita como lugar de autoafirmação da sua individualidade e da sua identidade como sujeito-mulher-negra. Escrever adquiriu o sentido de insubordinação na medida em que fere os padrões e ideologias dominantes (Evaristo, 2005, p. 02), ou seja, “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2005, p. 03).

As narrativas de Evaristo trazem como panorama um contexto social marcado pela marginalização dos seus protagonistas, mas na verdade são história entrelaçadas com a realidade e as imposições das populações que vivem na periferia e que sobrevivem à pobreza, à miséria e à exclusão, além de serem os alvos principais da polícia e das balas perdidas. Esses indivíduos são mulheres, homens e crianças que começam cedo no mercado informal de trabalho e que buscam soluções para suas dores e sua sobrevivência. São, em sua maioria, negros e negras, pobres e subalternizados em espaços onde o poder público é, no mínimo, falho para não dizer completamente ausente.

A literatura surge como um espaço privilegiado para a produção de sentidos e reprodução simbólica, onde se manifestam preconceitos e estereótipos adjunto à



sociedade: uma imagem deturpada das vivências negras. As escrevivências encontram perfis esquecidos na literatura brasileira, tanto do ponto de vista dos contextos como dos personagens. Uma inovação literária que se dá marcado profundamente pelo lugar sociocultural que se colocam para produzir suas escritas. Da condição feminina, das crianças e dos adultos, nascem e inspiram escrituras literárias. Para a autora, “não nasci rodeada de livros, do meu berço trago a propensão, o gosto para ouvir e contar histórias” (Evaristo, 2005, p. 02).

O racismo desumaniza a humanidade negra negando sua produção de saberes, sensibilidades e experiências para atribuir-lhes a condição de “Outro”. Torna-se aquilo que o sujeito branco quer e deseja com menosprezo, preconceito, violência, projetando também visões negativas e estereotipadas acerca da vivência negra como sendo ruim, perigosa, criando um tabu em torno das experiências afro-brasileiras. Ele espera que sejam rebeldes, bárbaros, assassinos, traficantes, criminosos e banalizados (Kilomba, 2019, p. 38), trazendo uma noção de vergonha às vivências negras.

A autora Conceição Evaristo trouxe na obra *Olhos D'água* um tratamento particular e intrínseco às suas próprias experiências como mulher negra, ex-moradora de uma periferia de Belo Horizonte, mãe solteira e ativista em movimentos sociais afro-brasileiros, sendo estas múltiplas abordagens que trazem sujeitos subalternizados em suas próprias conjunturas. Essas vivências moldaram a autora e tornaram sua literatura intrínseca na realidade e nas memórias dualistas entre dor e alegria, afetividade e desprezo, raiva e amor, fome e abundância que são marcas da desigualdade denunciada em suas narrativas. Foram as narrativas da sua infância que primeiro guiaram-na no mundo das Letras:

Foram, ainda, essas mãos lavadeiras, com seus sois riscados no chão, com seus movimentos de lavar o sangue íntimo de outras mulheres, de branquejar a sujeira dos outros das roupas dos outros, que desesperadamente seguraram em minhas mãos. Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semianalfabetas. Foram essas mãos também que folheando comigo, revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, que aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas, evidenciavam a nossa pobreza, e



distinguiam mais de uma de nossas diferenças, em um grupo escolar, que nos anos 50 recebia a classe média alta belorizontina (Evaristo, 2005, p. 02-03).

Para a autora, as memórias da infância, em que sua mãe trabalhava como lavadeira de roupa e Evaristo, ainda menina, precisava ajudar nos afazeres domésticos e nos cuidados com os irmãos, além de que, nos horários vagos, ensinava os vizinhos, sustentam todo o seu 'eu' literário. Ainda muito jovem, sua mãe semianalfabeta ensinava as primeiras letras aos filhos em cadernos feitos em casa e livros e/ou revistas velhas recicladas do lixo. Foi quando seu apego à leitura e à escrita, como marcas da sobrevivência, tornaram-se ainda mais valorosos, porque pode mostrar não somente outros olhares sobre a vida e o mundo ao seu redor, mas também permitiu agir sobre esses contextos de miséria, fome e exclusão. E ainda das moedas ganhadas como professora de seus vizinhos, surgiu a “riqueza que me permitiu comprar ora o pão diário, ora açúcar, ora o leite do irmãozinho menor, ora um caderno para mim, e às vezes algum livrinho [...]” (Evaristo, 2005, p. 02). Para a autora,

Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, intentava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe criava para as filhas nasciam com nome história. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia. Na escola adorava redações tipo: 'onde passei as minhas férias', ou ainda, 'um passeio à fazenda do meu tio', como também, 'a festa de meu aniversário'. A limitação do espaço físico e a pobreza econômica em que vivíamos eram rompidas por uma ficção inocente, único meio possível que me era apresentado para escrever os meus sonhos (Evaristo, 2020, p. 219).

A leitura foi desde muito cedo um exercício prazeroso e vital para sua relação com o mundo, para suportar os intemperes de cada dia, a pobreza, a fome, a miséria, a violência. Assim como, servira para questionar as desigualdades que cercavam seus familiares, sentia seus direitos lesados, as injustiças do trabalho e a discriminação. A palavra se fez presente não somente na forma escrita, mas na verbalização oral, marcada primordial para valorizá-la como instrumento de denúncia, lamento e raiva. E ainda conta: “repito, eu lia, avançava ela noite adentro, com os olhos cansados da luz de lamparina de querosene, com as narinas infectadas pelo cheiro do combustível,



pois só mais tarde, muito tarde, a luz elétrica nos chegou com um bem de consumo” (Evaristo, 2020, p. 219).

Nesse contexto, a literatura surge como um espaço de produção de sentidos que aproximam a ficção da realidade ao trazer perspectivas críticas, denúncias e vivências das memórias trazidas pela própria autora. Não só se inscrevendo no movimento que abriga as suas lutas, mas de diversas pessoas negras que vivem em espaços periféricos e marginalizadas, excluídos e ignorados pelas políticas públicas, refém do racismo estrutural para dar voz aos espaços de fala, tornando-se um lugar de escrita e um lugar de fala, colocando a identidade e a diferença no interior da linguagem, como atos de criação e recriação da relação com os sujeitos circundantes e com o mundo.

Suas obras trazem diversas nuances da exclusão ao abordarem contextos e perspectivas excluídas compostas por crianças, jovens, adultos, idosos de classes sociais pobres que vivenciam a miséria, a fome e a violência no seu cotidiano, seja nos âmbitos periféricos, seja nos lares abastados como trabalhadoras domésticas ou moradores de rua, quilombolas em terras de senhores brancos, mulheres prostitutas, mães que sustentam seus filhos, desempregados, bêbados, trabalhadores explorados que narram suas dores e felicidades, medos e sofrimentos, anseios e desejos, mas, sobretudo, trazem sujeitos que não são protagonistas em textos literários. A autora construiu a vida em “fios de ferro”, trazendo em cada história diversos silenciamentos e exclusões.

INFÂNCIAS DOS OLHOS D'ÁGUA: ANÁLISE CRÍTICA DO CONTO ZAÍTA, ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS

Na literatura produzida pela autora Conceição Evaristo, a infância foi abordada em contextos distintos analisando o ponto de vista infanto-juvenil que vive nos âmbitos periféricos: nas ruas, como moradores de ruas que foram expulsos de casa ainda crianças e precisam lutar em meio à fome e à ausência da família; indivíduos vivendo sob o teto de familiares, como agregado, tendo que se submeterem à violência e à rigurosidade de seus pares para sobreviverem e esperarem um tempo para fugirem dessa realidade opressora ou, ainda, como um representante da



identidade afro-brasileira através do nascimento e da alegria de crescer em meios aos seus desejosos parentes.

Tudo isso mostrava como a concepção de infância foi sendo transcrita e alterada conforme a realidade representada nas histórias e na construção de seus personagens, servindo como representante da identidade afro-brasileira e da construção crítica do Brasil para além da concepção da inexistente do racismo. Nesses casos, ele é representado como estruturalmente definidor de classe, de gênero e de posição social na hierarquia racial, tal como o caso apresentado no conto *Zaíta, esqueceu de guardar os brinquedos*, ao retratar a menina.

Zaíta andava de beco em beco à procura da irmã. Chorava. Algumas pessoas conhecidas perguntavam o porquê de ela estar tão longe de casa. A menina se lembrou da mãe e da raiva que ela devia estar. Ia apanhar muito quando voltasse. Não se importou com aquela lembrança. Naquele momento, ela buscava na memória como o desenho da menina-flor tinha nascido em sua coleção. A figurinha podia ter vindo em um daqueles envelopes que o irmão, o segundo, às vezes comprava para ela. Quem sabe viera no meio das duplicatas que a mãe ganhava da filha da patroa, ou ainda fruto de alguma troca que ela fizera na escola? Mas podia ser também parte de um segredo que ela não havia contado nem para sua igual, a Naíta. A figurinha podia ser uma daquelas dez, que ela sabia comprado um dia com uma moeda que tirara da mãe, sem que ela percebesse. Zaíta, por mais que se esforçasse retomando as lembranças, não conseguia atinar como a figurinha-flor tinha se tornado sua (Evaristo, 2016, p. 74).

A menina vivia em uma periferia brasileira e, mais próximo do que sua mãe poderia imaginar, ela sabia de tudo que transcorria com seus familiares, assim como dores, trabalhos, raivas e frustrações. A fome e a violência faziam parte do seu cotidiano e para fugir dessa situação ou criar mecanismos de evasão da fúria, fixou seus pensamentos em uma figurinha que poderia ter vindo de diversos lugares através da mãe que trabalhava como trabalhadora doméstica, dos irmãos que viviam lutando pela vida, um no exército e o outro no mundo do crime, ou ainda entre as figurinhas que a irmã havia comprado escondido. Zaíta sabia que seria castigada quando chegasse em casa em razão da demora, mas também porque não arrumou os brinquedos jogados no chão. A menina também havia notado o envolvimento do irmão com grupos armados, mas a mãe havia pedido silêncio.

Um dia Zaíta viu que o irmão, o segundo, tinha os olhos aflitos. Notou ainda quando ele pegou uma arma debaixo da poltrona em que dormia e saiu apressado



de casa. Assim que a mãe chegou, Zaíta perguntou-lhe por que o irmão estava tão aflito e se a arma era de verdade. A mãe chamou a outra menina e perguntou-lhe se ela tinha visto alguma coisa. Não, Naíta não tinha visto nada. Benícia recomendou então o silêncio. Que não perguntassem nada ao irmão. Zaíta percebeu que a voz da mãe tremia um pouco. De noite, julgou ouvir alguns estampidos de bala ali por perto. Logo depois, escutou os passos apressados do irmão que entrava. Ela se achegou mais junto da mãe. A irmã dormia. A mãe se mexeu na cama várias vezes; em um dado momento se sentou assustada, depois se deitou novamente cobrindo-lhe toda. O calor dos corpos da mãe e da irmã lhe davam certo conforto. Entretanto, não conseguiu dormir mais, tinha medo, muito medo, e a mãe lhe pareceu ter passado a noite toda acordada (Evaristo, 2016, p. 73).

Sua mãe estava cansada de tudo e, às vezes, demonstrava sua raiva para as irmãs gêmeas na forma de violência. Estava cansada da fome, do trabalho com baixa remuneração, da preocupação que os filhos davam e ainda das meninas que nasceram quando ela não mais queria filhos. O medo do mundo ao seu redor a assustava tanto que deixava suas noites preocupantes e assustadoras. As meninas tinham medo das punições ofertadas e antes de aprontarem algo sempre lembravam: “não poderia falar com a mãe. Sabia no que daria a reclamação. A mãe ficaria com raiva e bateria nas duas” (Evaristo, 2016, p. 71). Mesmo assim, a jovem:

Zaíta seguia distraída em sua preocupação. Mais um tiroteio começava. Uma criança, antes de fechar violentamente a janela, fez um sinal para que ela entrasse rápido em um barraco qualquer. Um dos contendores, ao notar a presença da menina, imitou o gesto feito pelo garoto, para que saíta procurasse abrigo. Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor... Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí a um minuto, tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de saíta, jaziam no chão (Evaristo, 2016, p. 76).

Nessa parte da narrativa, a autora trouxe as vivências de dores tecidas a partir do entrelaçamento entre a vida e o perigo da morte provocada pela violência que circundava essas famílias. Zaíta não percebeu o perigo à frente, porque estava distraída pensando na figurinha e nas consequências da sua desobediência. Mas o tiroteio começou: balas e balas fizeram morada no corpo da criança. Dentro de um minuto, tudo se foi e os homens armados saíram para voltarem apenas no próximo tiroteio. A menina jazia no chão, silenciada, assim como cinco ou seis corpos, todos mortos. Essa parte trágica do conto denuncia os problemas vivenciados pelas crianças que são parte invisível nesse meio ou percebidas, como no caso, somente



após a morte. Naíta aflita e desesperada gritou: “– Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos” (Evaristo, 2016, p. 76).

Antes da morte da menina, sua mãe estava ocupada refletindo sobre os problemas que todos os dias tinha que enfrentar, desde o caminho que o filho havia seguido no mundo do crime organizado até a fome e a falta de dinheiro para sustentar os filhos e manter a casa. Sempre faltava algo e isso a obrigava a conseguir mais um emprego, em outro horário, para trazer mais recursos para casa, pois o primeiro que tomava o dia todo no serviço doméstico ainda não era suficiente para todas as demandas. Quando se deu conta da ausência da filha:

Apanhou a boneca negra, a mais bonitinha, a que só faltava um braço, e arrancou o outro, depois a cabeça e as pernas. Em poucos minutos, a boneca estava destruída; cabelos arrancados e olhos vazados. A outra menina, Naíta, que estava no barraco ao lado, escutando os berros da mãe, voltou aflita. Foi recebida com tapas e safanões. Saiu chorando para procurar Zaíta. Tinha duas tristezas para contar a sua irmã igual. Havia perdido uma coisa de que Zaíta gostava muito. De manhã tinha apanhado a figurinha debaixo do travesseiro. Queria sentir o perfume de perto. E agora não sabia mais onde estava a flor... A outra coisa era que a mamãe estava brava porque os brinquedos estavam largados no chão, e de raiva ela havia arreventado aquela bonequinha negra, a mais linda... (Evaristo, 2016, p. 75).

Nessa cena, temos a visão de uma mãe revoltada com a vida e ainda mais com os problemas que afligem sua existência todos os dias. O sumiço da filha acabou sendo o ápice para destilar o seu descontentamento na boneca negra, desmembrada e espalhada pelo cômodo. A jovem menina acabou sendo a próxima vítima ao ser esbofeteada no rosto com tapas. O medo tomou conta da irmã e a busca pela igual se fez com mais voracidade, pois precisava encontrar Zaíta e dar as notícias ruins. No entanto, os tiroteios na favela, nos últimos tempos, aconteciam com mais frequência e com uma certa constância. A menina se aventurou em meio aos alertas de perigo e, mesmo assim, foi atrás de sua gêmea. A área próxima à sua casa estava em disputa por grupos rivais. As crianças obedeciam, mas às vezes se distraíam, “e, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida” (Evaristo, 2016, p. 76).

Na visão de Bernardes (1992, p. 26), a criança nasce em um espaço social rodeado de subjetividades que são compartilhadas por questões raciais, sociais e ideológicas do grupo ao qual pertence. Nesse caso, os jovens que habitam as



camadas populares urbanas sofrem múltiplas formas de opressão no processo de construção subjetiva, no qual o sujeito vai se expressar a partir do seu lugar de existência e da sua relação com o mundo na constituição do modo de existir como “ser-aberto-ao-mundo” e “no-mundo-com-os-outros”, estando o mundo adulto e a infância interligados forçadamente. A expressão dessa experiência por meio da linguagem da palavra – seja pela palavra, pelo corpo ou pelo olhar – mostra como essas pessoas vivem, sentem e interpretam o mundo.

O conto *Di Lixão*, narra a história de um menino que vivia nas ruas, sem família ou perspectiva de mudança, apenas sobrevivência. Até que um dia, acordou com um inchaço no rosto, com o dente infeccionado e da boca saiu sangue e mucosa (pus). Em um gesto de criança, atacou seu companheiro com um cuspe no rosto, mas, como retribuição, foi agredido pelo colega nas “partes de baixo”. Nesse momento, as dores da boca e dos ovos-vida se entrelaçaram:

E foi se encolhendo, se enroscando até ganhar a posição de feto. Pela primeira vez, depois de tudo, se lembrou da mãe. Ainda bem que aquela puta tinha morrido! Ele sabia quem havia matado a mulher. Tina visto tudo direitinho. Na polícia negou que tivesse por perto, que suspeitasse de alguém. Depois de três ou quatro idas à delegacia, os policiais acabaram por deixá-lo em paz. Ele sabia quem. Pouco importava. Que deixassem o homem solto. Não aguentava a falação dela. Di, vai para escola! Di, não fala com meus homens! Di, eu nasci aqui, você nasceu aqui, mas dá um jeito de mudar o seu caminho! Puta safada que vivia querendo ensinar a vida para ele. Depois pouco adiantava. Zona por zona, ficava ali mesmo. Lá fora, o outro mundo também era uma zona. Sabia quem tinha matado a mãe. E daí? O que ele tinha com isso? (EVARISTO, 2016, p.78).

Nesse momento de dor, lembrou da sua mãe. Embora tenha sido uma lembrança dolorosa, sabia que o ex-marido da mãe havia cerceado sua vida, na sua frente. Ele não suportava os mandos e desmandos da mãe para que fosse trabalhar, frequentasse a escola e tentasse mudar de vida. Para ele, tudo parecia apenas um resmungo fruto da frustração de seu familiar para com sua vida e estava farto. Durante o dia passou a perambular pelas ruas, procurando serviços quaisquer em troca de alimentos e um pouco de dinheiro. O que importava era sua sobrevivência, afinal não tinha outra perspectiva e acabou sendo minguido pela dor no final: “o dente de Di Lixão latejava compassadamente. Ele era uma dor só. As dores haviam se



encontrado. Doía o dente. Doíam as partes de baixo. Doía o ódio” (Evaristo, 2016, p. 78). Para o personagem, a opção foi de dor.

Passou a língua no canto da boca. O carocinho latejou. Num gesto coragem-desespero levou o dedo em cima da bola de pus e apertou-a contra a gengiva. Cuspiu pus e sangue. Tudo doía. A boca, a bimbina, a vida ... se deitou novamente, retomando a posição de feto. Já eram sete horas da manhã. Um transeunte passou e teve a impressão de que o garoto estava morto. Um filete de sangue escorria de sua boca entreaberta. Às nove horas, o rabeção da polícia veio recolher o cadáver. O menino era conhecido ali na área. Tinha a mania de chutar os latões de lixo e por isso ganharia o apelido. Sim! Aquele era o Di Lixão. Di Lixão havia morrido (Evaristo, 2019, p. 80).

Quando as dores se uniram sentiu que ia morrer, sentiu vontade de urinar, mas não tinha coragem para se levantar. Tinha medo que a mãe que havia morrido, voltasse e agredisse seu corpo, mesmo sabendo que iria falecer. Isso não importava, porque como sua mãe pouco se importava com a sua vida e, mesmo assim, “só não queria morrer tão sozinho” (Evaristo, 2016, p. 79). Os primeiros trabalhadores passavam. Ele tinha vontade de chamar um deles e pedir ajuda, mas o silêncio tomou conta do seu corpo. Sentia um vazio na barriga, no peito e no estômago. Havia umas duas semanas que não se alimentava em razão do tumor na boca. Fez esforço para se levantar, mas não conseguiu. Acabou voltado a posição fetal e no mesmo dia foi encontrado já sem vida, abandonado na calçada. O menino era conhecido na área e tinha a mania de chutar os latões de lixo e naquele dia Di Lixão havia morrido.

O personagem revelou nas suas últimas falas que sentia sua vida como algo descartável, sem valor. Para Gonzalez (1984, p. 225-226), esse processo acontece pela infalibilidade das falas negras, ou seja, aquele que não tem espaço para falar, visto na terceira pessoa, porque são os outros que falam em seu nome. O discurso ideológico se encarrega de silenciar suas expressões, excluir e, caso persistam, passam a ignorar o sujeito. Essa dinâmica leva a uma consciência que exclui a memória marginalizada a construir lugar de rejeição e reforça discursos dominantes numa dada cultura, ocultando imposições e humanidades. Essa questão também ficou evidente na forma como Di Lixão ignorava as falas de sua mãe para ir à escola ou tentar mudar de vida, para ele eram tentativas falhas que não teriam efeito de



nenhuma forma, ou seja, a ideologia do branqueamento, internaliza e reproduz o discurso racista.

Outra questão presente no enredo foi o discurso da incompletude e a incompetência criadas em torno da infância que geram uma noção de dependência da criança em relação ao adulto, justificando relações de poder/autoridade/controle, sobretudo quando essa questão é reafirmada pela punição física para castigar desobediências e rebeldias (Bernardes, 1992, p. 27). A relação entre Di Lixão e sua mãe se mostrou novamente como um trauma nos momentos finais de sua vida: “sua mãe lhe batia sempre por isso. Um dia, ela, numa crise de raiva, ao ver o menino todo ensopado de mijo, puxou a bimbina dele até quase arrebentar” (Evaristo, 2016, p. 79).

O conto *Lumbiá* narra a história de um menino que vendia chicletes, amendoins e flores nas ruas e/ou bares. Ficava de soslaio para oferecer a mercadoria aos casais apaixonados. Homens e mulheres de distintas orientações sexuais eram agraciados pelos seus objetos. O menino sabia agradar aos casais e, quase sempre, lucrava com a troca afetiva dos casais ou pares. Quando resistiam, começava a chorar usando as lágrimas para convencer, embora tivesse um pouco de verdade no sofrimento exposto. Sempre trazia lembranças das surras que levada da mãe, dos problemas com mercadorias encalhadas, da falta de dinheiro e as verdades-mentiras ganhavam a sensibilidades dos clientes “e aos poucos, em meio às verdades-mentiras que tinha inventado, Lumbiá ia se descobrindo realmente triste, tão triste, profundamente magoado, atormentado em seu peito-coração menino” (Evaristo, 2019, p. 83). No entanto, era o Natal que animava a criança.

Só havia uma coisa que o menino gostava no Natal. Um único signo: o presépio com a imagem de deus-menino. Todos os anos, desde pequeno, em suas andanças pela cidade com a mãe e mais tarde sozinho, buscava de loja em loja, de igreja em igreja, a cena natalina. Gostava da família, da pobreza de todos, parecia a sua. Da imagem-mulher que era a mãe, da imagem-homem que era o pai. A casinha simples e a caminha de palha do deus-menino, pobre; só faltava ser negro como ele. Lumbiá ficava extasiado olhando o presépio, buscando e encontrando o deus-menino (Evaristo, 2019, p. 83-84).

A data comemorativa abrilhantava a vida do menino o enchendo de afeito, felicidade e amor. As lâmpadas, as cores e o sentimento afloravam. O maior atrativo era o presépio com a imagem do Deus-Menino. Não gostava da árvore, do Papai Noel



gordo, dos sorrisos e vitrines cheias de presentes. Sentia vontade de amargar. Ficava irritado porque sabia que tudo era vazio como um enfeite temporário. Desde pequeno, buscava em lojas e igrejas uma cena natalina contendo uma casinha simples e pobre com o casal à espera do pequeno filho – o milagre divino. Tudo lembrava a sua vida, a fome, o sofrimento e a necessidade de sobrevivência.

Lá estava o deus-menino de braços abertos. Nu, pobre, vazio e friorento como ele. Nem as luzes da loja, nem as falsas estrelas conseguiam esconder a sua pobreza e solidão. Lumbiá olhava. De braços abertos, o deus-menino peia por ele. Erê queria sair dali. Estava nu, sentia frio. Lumbiá tocou na imagem, à sua semelhança. Deus-menino, deus-menino! Tomou-a rapidamente em seus braços. Chorava e ria. Era seu. Saiu da loja levando o deus-menino. O segurança voltou. Tentou agarrar Lumbiá. O menino escorregou ágil, pulando na rua. O sinal! O carro! Lumbiá! Pivete! Criança! Erê, Jesus menino. Amassados, massacrados, quebrados! Deus-menino, Lumbiá morreu! (Evaristo, 2019, p. 85-86).

O menino soube que a loja Casarão Iluminado, especialista em vendas de luminárias, tinha o maior e mais bonito presépio da cidade. Era muito iluminado, contava com os animais, os Reis Magos, a manjedoura, a paisagem, os rios, a estrela-guia, a mãe e o pai do menino Jesus. Havia um problema. Estava proibido a entrada de crianças desacompanhadas e sua mãe jamais iria levá-lo. Havia feito tentativas para entrar, mas o vigia sempre o expulsava. Um dia, quando a loja já estava para fechar e o movimento estava fraco, aproximou-se e entrou rapidamente correndo. Ficou encantado com o Deus-Menino nu, pobre e com frio e se lembrou de si mesmo. Sua pobreza e solidão eram destaque e comoveu o jovem a retirá-lo daquele ambiente. Tentou correr com o presépio nas mãos até que no meio da rua foi atropelado, amassado e quebrado, tanto ele quanto a imagem.

A imagem da pobreza comoveu o menino ao se conectar com a sua realidade, a sua dor. Mesclou-se com a vivência de pobreza observada na imagem religiosa. Havia vivenciado os males da desigualdade, da fome, da violência e da tristeza. Todos os dias acordava cedo para começar o serviço nas ruas vendendo objetos e pequenos alimentos para suprir as necessidades da família. A infância desde o princípio foi confundida com o mundo adulto e suas responsabilidades e, assim, a ludicidade das brincadeiras deram espaço à busca pelo dinheiro e, sobretudo, a tentativa diária de



sobrevivência. A morte veio de supressa para aquele jovem que sonhava em ver o presépio que tanto lembrava a sua vida.

Para Kilomba (2019, p. 50), trata-se também da subalternidade silenciada, que renega a humanidade das comunidades subalternizadas como sendo menos humanas, infantilizadas, incapazes de falarem em seu nome. Não falam não porque não conseguem falar, mas, sim, pela imposição a qual o racismo e a desigualdade impõem sobre suas existências, sendo sistematicamente desqualificados, considerados inválidos ou representados por pessoas brancas. Essa violência colonial é descrita como sendo alimento para a criação e a contemplação de uma realidade diferente entre brancos e negros, sendo que “tal hierarquia introduz uma dinâmica na qual a negritude significa não somente ‘inferioridade’, mas também ‘estar fora do lugar’ enquanto a branquitude significa ‘estar no lugar’ e, portanto, ‘superioridade’” (Kilomba, 2019, p. 50).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa, pode-se inferir que a literatura de Conceição Evaristo se trata de uma expressa crítica social à realidade racial brasileira. Foi salientada as inquietações, assim como mobilizou atores sociais marginalizados e trouxe vozes silenciadas da sociedade para construir seus enredos e definir os protagonismos. Quando tratou da infância, seus personagens foram gritos de agonia e denúncia de uma infantilidade usurpada pelo racismo, pela violência e pela exclusão de uma camada da sociedade existente, mesmo sendo pouco visível, especialmente as crianças e jovens nos âmbitos periféricos.

Nos textos analisados podemos perceber o papel crítico social de uma escrita ficcional que busca retratar realidades cotidianas de sujeitos excluídos socialmente e marginalizados em espaços sociais expostos a violência e a negação da sua condição de cidadania, a exclusão, a pobreza e a fome. A autora trouxe um olhar assertivo e comprometido em torná-los protagonistas em histórias literárias que versam situações de penúria de comunidades pobres e periféricas com a narração poética e que serviram como ponto de partida para chamar atenção para essas questões, assim como enfatizar a importância das vozes e das histórias dos indivíduos que fazem parte de comunidade marginalizadas socialmente. Tornando-se uma narrativa de denúncia,



que desperta a criticidade de outros pesquisadores para abordarem essas temáticas em estudos e trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Nara Maria Guazzelli. Vida cotidiana e subjetividade de meninas e meninos das camadas populares: meandros de opressão, exclusão e resistência. *Revista Psicologia: ciência e profissão*, v. 12, p. 24-34, 1992. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/sBhGTrDgsCZ5xqJKfjwTs5n/?lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2023.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *Z Cultural – Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, p.1-3, 2005. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>. Acesso em: 08 set. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'Água*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, p. 116, 2016.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. 2. ed. João Pessoa: Editora do CCTA, p. 219-229, 2020. Disponível em: <https://www.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/letras-1/mulheres-no-mundo-etnia-marginalidade-e-diaspora-2a-edicao/vol-05-mulheres-no-mundo-final.pdf>. Acesso em: 08 set. 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 08 set. 2023.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação – episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira, Rio de Janeiro: Editora Cobogó, p. 244, 2019. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO__EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf. Acessado em: 05 jan. 2023.

OLIVEIRA, Luíz Henrique Silva de. Escrevivências em Becos da Memória, de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, mai/ago 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/X8t3QSM5dMTjPTMJhLtwgc/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 03 dez. 2024.



RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, p. 112, 2021.

Recebido em: 11/09/2023

Aprovado em: 14/02/2025